



SEMIÓTICA EM UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR DE ANÁLISE DE TEXTOS

SEMIOTICS IN THE INTERDISCIPLINARY APPROACH OF TEXTS

Márcia Angélica dos Santos
UFT - Universidade Federal do Tocantins

RESUMO: Este trabalho desenvolve um método interdisciplinar de abordagem de textos, verificando as contribuições da tecnologia e da estatística no desdobramento da análise semiótica de linha francesa. Os dados estatísticos produzidos pela tecnologia pertencem à Tabela de Discriminação de Valores Lexicais, que é parte do instrumental criado por André Camlong (1996), com a colaboração de Thierry Beltran, da Universidade de Toulouse II. Suas informações são geradas por operações matemático-estatísticas, executadas em computador, que transformam os textos em listas de vocábulos devidamente mensurados, o que deixa os dados disponíveis para outros procedimentos, independentes do método Camlong. Para averiguar essa autonomia das informações, relacionam-se os valores da Tabela de Discriminação de Valores Lexicais, com o percurso gerativo de sentido proposto por Algirdas Julien Greimas (1975/1989), composto por três níveis – fundamental, narrativo, discursivo –. As características de cada um desses níveis permitem selecionar determinadas categorias gramaticais e determinados itens lexicais orientadores do desenvolvimento dos níveis e da articulação entre eles. Com essa intersecção interdisciplinar, a investigação conclui que itens lexicais mensurados de acordo o ambiente de que fazem parte constituem subsídios eficazes para a análise greimasiana de textos, assegurando a descrição como científica e tornando válida a metodologia.

PALAVRAS-CHAVE: interdisciplinar; computação; estatística; semiótica.

ABSTRACT: This work develops an interdisciplinary approach to the texts, verifying the contributions of the technology and the statistical data in the unfolding of the semiotics analysis according the french line. The statistical data belongs to the Table of Discrimination of Lexical Values, that it is part of the methodology created by Andre Camlong (1996), with the contribution of Thierry Beltran, of the University of Toulouse II. Their informations are produced by mathematician-statistics operations, executed in computer, that turns the texts into lists of words properly measured, which makes the data available to other procedures, independent of the process related to the Camlong method. To inquire this autonomy of the data, the words measured by the Table of Discrimination of Lexical Values are applied to the generative semiotics created by Algirdas Julien Greimas (1975/1989). In terms of the interdisciplinary, the inquiry concludes that the lexicon organized in bands according to the values acquired in the environment is part constitutes and efficient subsidies for the Greimas' proposal, assuring the description as scientific and certifying its validity in the unfolding of the methodology.

KEYWORDS: interdisciplinary, computation; statistics; semiotics.

1. Apresentação

Em seu livro *Elementos de análise do discurso* (2005), José Luiz Fiorin define o ato de comunicação como um jogo complexo de manipulação em que, por meio da enunciação, um enunciador pretende fazer o enunciatário crer naquilo que transmite. Há uma performance caracterizada pelo querer fazer e pelo fazer crer subjacentes a procedimentos argumentativos que esse enunciador seleciona e efetivamente emprega para a transmissão de um determinado conteúdo. O ato de comunicação é, portanto, marcado pela intencionalidade de que inúmeras teorias interpretativas procuram dar conta, tentando explicar, com todo um aparato metodológico, como um texto diz o que diz. Entre essas teorias, citam-se o método matemático-estatístico-computacional, criado por André Camlong (1996), e a abordagem semiótica proposta por Algirdas Julien Greimas (1975/1989).

Presente em todos os campos do conhecimento criados até agora pelo homem, a tecnologia computacional há muito desperta o interesse na área das Letras, inicialmente com suas manifestações mais usuais: cursos em ambiente telemático e a composição do hipertexto. Mas os procedimentos relacionados a computadores progredem, implantando novos formatos às pesquisas e ampliando as propostas interdisciplinares já existentes. Na análise de textos e de discursos, as possibilidades de emprego dos computadores distinguem-se quanto às vantagens que oferecem: baseadas em *softwares*, as iniciativas ajudam a listar, contar e ordenar rapidamente os diversos aspectos de uma reconstrução de textos, assegurando os resultados de procedimentos marcados pelas minúcias do vocabulário, pelo detalhamento sintagmático e pelas ligações das mínimas partes com o todo.

Algumas rotinas evidenciam de imediato certos comportamentos lexicais e discursivos, como demonstra o método desenvolvido com o *Stablex*, instrumental criado por André Camlong (1996), com a colaboração de Thierry Beltran, pesquisadores do Laboratório de Inteligência Artificial da Universidade de Toulouse II. Nesses anos em que a tecnologia vem interagindo com os estudos lingüísticos e semióticos, o *Stablex* destaca-se por ser o suporte de um método matemático-estatístico direcionado a textos: juntos, instrumental e método deixam visíveis os procedimentos de desconstrução desses textos em listas, tabelas e gráficos, compondo um banco de informações com propriedades ao mesmo tempo quantitativas e qualitativas. Sua aplicação vale-se de macros e de *softwares* como o *Excel*, operados em microcomputadores PCs, estabelecendo uma seqüência mecânica de decomposição imediata dos textos em itens lexicais, acompanhados de valores quantitativos a princípio e qualitativos a seguir.

O método revela, pela análise matemático-estatística, o peso de cada vocábulo na articulação discursiva. Desse modo, os elementos mínimos se organizam de acordo com certas preferências na composição do texto, preferências essas que apontam a tendência do sentido. O método é descritivo, objetivo e indutivo: somente o texto é o elemento considerado para a rotina que, por meio da informática, processa, armazena e recupera dados, deixando evidente a relação entre valores numéricos e ocorrências lexicais. As tabelas e os gráficos derivados revelam as tendências, agrupando-as em categorias. Os valores quantitativos iniciais transformados em valores qualitativos pelos cálculos algébricos que fundamentam algumas tabelas organizam os vocábulos em zonas de preferência, de base e de rejeição quanto ao uso. Essa classificação leva a identificar o tema e, por conseguinte, a orientação do discurso.

O banco de dados fornecido pelos módulos do *Stablex* coloca em evidência o comportamento dos textos e pode subsidiar os mais variados objetivos. Como todo banco de dados, trata-se de um complexo de informações disponíveis para os mais diferentes fins, o que

inclui a possibilidade de estabelecer relações com outros métodos: os procedimentos podem ser desenvolvidos a partir das informações organizadas nas tabelas e nos gráficos, e uma delas é o percurso gerativo de sentido proposto por Greimas (1975/1989). Fundamentado em três níveis, o percurso greimasiano pode ser articulado pelo léxico organizado segundo valores, especificamente os valores fornecidos pela Tabela de Discriminação de Valores Lexicais (TDVL), também denominada Léxico Preferencial ou Tabela de Valores Lexicais (ZAPPAROLI/CAMLONG, 2002), em outras aplicações do método. Essa tabela organiza o léxico de cada texto de modo decrescente, segundo o peso (valor) individual do item na composição desse mesmo texto, que o método denomina variável. Para juntar os dois procedimentos, é suficiente tomar os itens lexicais destacados pela Tabela de Discriminação de Valores Lexicais como elementos formadores dos níveis instituídos pela abordagem semiótica de Greimas lembrando, ainda, que ambos os métodos desenvolvem um comportamento comum, pelo qual todas as observações nascem dos próprios textos.

2. Proposição

O roteiro que se propõe neste artigo é parte de um trabalho mais abrangente, em que a totalidade do método Camlong não é observada. Entre as diferentes tabelas que o método coloca à disposição para o estudo do texto, são utilizadas no trabalho original a tabela Delta, de Desvios Reduzidos, de Discriminação de Valores Lexicais, de Distribuição de Frequências e de Lematização. Aqui, serão mencionadas as três primeiras, suficientes para o objetivo, que é demonstrar uma possibilidade de intersecção entre a tecnologia, a estatística e a semiótica.

No desenvolvimento do trabalho original, cumpriram-se as determinações do método Camlong de reunir o mínimo de três textos de um mesmo autor, selecionando seis contos da obra de Guimarães Rosa, para o desdobramento da descrição e da análise. Aqui, pretende-se uma demonstração sintética dessa proposta e, para isso, será focalizado o conto “Esses Lopes”, ressaltando que o enfoque se integra a uma abordagem mais extensa. Também é preciso assinalar que, para utilizar os pesos atribuídos pela Tabela de Discriminação de Valores aos itens lexicais, há necessidade de verificar a homogeneidade do *corpus* escolhido, o que significa testar o equilíbrio lexical dos textos, traduzido pelos índices da Tabela de Desvios Reduzidos (TDR) e pela Tabela de Fisher. Esse procedimento não será exposto aqui, devido à sua extensão. O que se pretende é apresentar, por meio de um texto extraído de um *corpus* mais abrangente, a validade de uma proposta interdisciplinar de análise de textos. Ou seja, demonstrar-se-á que as informações estatísticas, produzidas por um componente do método matemático-estatístico-computacional criado por Camlong para uma abordagem de textos, componente denominado Tabela de Discriminação de Valores Lexicais, constituem um banco de dados privilegiado para elaborar o percurso gerativo de sentido instituído por Greimas.

3. Fundamentos teóricos

A Tabela de Discriminação de Valores Lexicais do método Camlong (1996), que também será indicada com a sigla TDVL, é a base dos procedimentos desenvolvidos, pois traz todas as informações necessárias: individualiza e identifica os itens lexicais da variável considerada, informa a frequência e o peso de cada vocábulo nas relações que mantêm na variável de que faz parte e no *corpus* escolhido, compondo uma hierarquia lexical segundo esses valores. Os itens lexicais são considerados pelo valor que adquirem em relação aos

outros itens, no texto e no *corpus* de que fazem parte. Orientando quanto ao uso privilegiado ou não de cada item na articulação dos textos e dos discursos, a TDVL é a escolha natural para uma relação com outras propostas de análise voltadas para o sentido. Na abordagem semiótica com base em Greimas (1975/1989), o roteiro é marcado pelos itens lexicais mínimos, em contraste, em contradição ou em complementaridade; pelos estados e transformações de estados, expressos em programas narrativos com as conseqüentes destinações e manipulações, pelas debreagens da enunciação e por figuras e temas que constroem o simulacro do mundo. Para o desenvolvimento desse percurso gerativo, utilizam-se sobretudo as obras de José Luiz Fiorin (2005), Diana Luz Pessoa de Barros (1988/1990) e A. J. Greimas (1975/1989) e, para a interpretação das figuras discursivas, há acentos da simbologia antropológica de Gilbert Durand (1997).

Situando-se entre a estatística produzida pela tecnologia e a semiótica, a posição adotada tem como princípio os limites do texto, ou seja, somente as informações geradas por ele orientam os procedimentos.

4. Seleção do *corpus*

Para demonstrar as possibilidades de intersecção entre os tópicos teóricos considerados, focaliza-se um dos seis contos de Guimarães Rosa reunidos na proposta original: o conto “Esses Lopes”, pertencente à obra *Tutaméia* (1967, pp. 45-48), cujas partes citadas neste artigo têm a referência aos parágrafos, a fim de tornar mais rápida a localização de recortes ou de vocábulos mencionados na descrição e na análise.

Na seleção do *corpus* original, delimitou-se o procedimento a textos em que o enunciador, realizando debreagens e embreagens, privilegia um narrador também actante, que, por sua vez, é revestido por um ator, interlocutor ou não. Na variável **Esses Lopes**, ao narrador actante se superpõe, no nível discursivo, a figura de uma mulher justiceira, ressaltando que essa caracterização é inferida; não é declarada pelo narrador. Em tom de denúncia, essa mulher justiceira estimula a reflexão sobre valores criados pelo homem. Seu trânsito acontece no ambiente rural, uma vez que há citação de espaços como **ribeira** e **terreiro** (ROSA, 1967, pp. 45 e 47, parágrafos 5 e 19). Seu relato traz a oscilação entre o momento presente da enunciação e o pretérito dos acontecimentos.

5. Descrição e análise da variável

5.1. Tabela de discriminação de valores lexicais (TDVL)

A variável possui 623 vocábulos, que a TDVL organiza segundo o peso que obtêm quando relacionados ao texto e ao *corpus* considerado:

	TDVL	<i>Esses</i>	<i>Lopes</i>	
		p	0,131	
		q	0,869	
Ordem	Item Lexical	Corpus	Esses Lopes	Peso/Valor
1	lopes	10	10	8,148
2	nicão	3	3	4,463
3	sertório	3	3	4,463
4	preta	3	3	4,463
5	filhos	5	4	4,436

6	quero	5	4	4,436
(...)				
621	a	206	17	-2,058
622	não	155	9	-2,688
623	se	181	8	-3,458

Os itens lexicais organizados segundo o valor ou peso, do maior para o menor, traduzem a importância de cada um na articulação discursiva. A tabela apresenta, então, uma primeira faixa com o **léxico preferencial**, ou seja, os vocábulos com valor substancial, igual ou acima de 1,96. A variável “Esses Lopes” possui 352 vocábulos dentro dessa faixa privilegiada, que pode ser examinada nos anexos deste artigo. Entre esses vocábulos preferenciais, importam sobretudo os que carregam traços nocionais, como, por exemplo, **Lopes** ou **quero**. As duas colunas relacionadas à frequência dos vocábulos – as colunas denominadas **Total**, com totais obtidos no *corpus*, e **Esses Lopes**, com a frequência específica da variável em análise - revelam os vocábulos exclusivos dessa variável, quando os valores são iguais, e aqueles que não são exclusivos da variável, portanto aparecem em outras variáveis do *corpus* selecionado, quando os valores divergem. Como exemplo da primeira ocorrência, há o item **Lopes**, com a frequência 10 em ambas as colunas e, como ilustração da segunda possibilidade, cita-se o item **quero** com a frequência 5 no *corpus* e 4 na variável. A última coluna mostra o peso de cada vocábulo, ou seja, a sua importância para a articulação do texto e do discurso em análise. No que se refere aos vocábulos já citados, **Lopes** possui o valor 8,148 e **quero** tem o peso de 4,436 como demonstrativo de sua importância.

Ainda dentro dessa faixa preferencial, acham-se os **hápax**, vocábulos com uma única ocorrência, sendo, portanto, exclusivos da variável em que aparecem. O fato de terem o peso acima do valor mínimo preferencial aponta sua importância na variável. Em “Esses Lopes”, há 313 hápax, do número de ordem 28 ao 341 da TDVL, destacando-se a igualdade de frequência 1 entre as colunas **Total** e **Esses Lopes**, que os identifica como **hápax**, e o peso significativo de 2,577 mostrado na última coluna.

A TDVL possui outras faixas de vocábulos, reunidos segundo a sua importância: a zona intermediária corresponde ao **vocabulário básico**, subdividido em uma zona com tendência positiva e uma zona com tendência negativa. Trata-se do vocabulário de emprego corrente no sentido de formar o sustentáculo do discurso. Os essencialmente básicos têm o peso centrado em torno da média $-1 \leq Z \leq +1$, sendo indispensáveis à formação do texto e à delimitação específica da zona centrada no vocabulário comum. O vocabulário básico com tendência positiva, entre $+1 \leq Z \leq +2$, tem alguns referenciais temáticos; o vocabulário básico com tendência negativa, entre $-2 \leq Z \leq -1$, contém mais itens responsáveis pela articulação e, grosso modo, sem referenciais temáticos. Situando-se além dos dois pontos negativos, o **léxico diferencial** é aquele cujo valor indica abandono ou rejeição, opondo-se ao preferencial enquanto carga de expressividade temático-discursiva. Dependendo da análise considerada, pode ser altamente significativo para o texto focalizado. Nesta análise, será destacado o maior valor diferencial, - 3,458 do pronome *se*.

Ordem	Item Lexical	<i>Corpus</i>	Esses Lopes	Peso/Valor
(...)				
623	se	181	8	-3,458

Ocupando a faixa diferencial, o valor desse item aponta uma rejeição a todas as nuances de significado que possam instalar-se no discurso, incluindo a indeterminação de pessoa. O valor negativo quanto ao emprego da indeterminação que, de acordo com Fiorin (2002), pode englobar a primeira pessoa, aponta a busca da individualidade em detrimento da anulação do ser.

5.2. Procedimentos gerais

Para a seleção de itens orientadores do sentido dentro da TDVL, é levada em conta a faixa essencialmente preferencial, com a identificação dos vocábulos de maior valor. Parte-se desses itens e de suas relações com os demais itens lexicais preferenciais, para estabelecer, por meio da análise de recortes do texto, as relações que levam a fundamentar a sintaxe e a semântica dos níveis profundo, narrativo e discursivo.

No que se refere ao nível discursivo, a actorialização pede foco na flexão verbal em pessoa e na utilização dos pronomes pessoais e de tratamento. A temporalização depende dos tempos verbais com maior valor e com maior incidência. A espacialização leva a referências espaciais figurativas como **ribeira** ou **terreiro**. Não havendo nenhum desses índices em evidência, identificam-se as debreagens por meio da extração de recortes discursivos associados aos vocábulos de maior peso. É preciso lembrar que a actorialização, quando desenvolve a debreagem enunciativa da enunciação já pressupõe um espaço **aqui** e o tempo do **agora**, enquanto a debreagem enunciativa da enunciação constitui o espaço **lá** e o **tempo de então**, que podem ser ratificados pelos recortes discursivos.

O estrato básico e o diferencial são examinados naquilo que os ligam ao percurso gerativo de sentido, como pronomes pessoais identificadores da actorialização, o tempo das formas verbais, índices da temporalização e as figurativizações, reveladoras do espaço.

Quanto às classes gramaticais, são considerados os vocábulos nocionais – substantivo, adjetivo, verbo - e pronomes pessoais – reto, oblíquo e de tratamento – pertencentes à faixa preferencial. Nessa seleção, o vocábulo, enquanto item do léxico, é tratado como complexo narrativo em potencial, atualizado segundo a voz de quem o emprega, o contexto no qual é utilizado e as relações que mantêm com os outros itens da construção discursiva. Geralmente, a lista de vocábulos preferenciais, ao identificar os itens de maior peso positivo, permite, por meio deles, desenvolver todo o complexo descritivo e analítico do sentido, bastando identificar, com o auxílio dos recortes discursivos, a direção tomada.

Quanto às outras classes, as palavras relacionais, bem como os advérbios, os numerais, os artigos. Os pronomes indefinidos, demonstrativos e possessivos só são considerados quando estabelecerem, no discurso, uma relação fundamental com as categorias já destacadas.

5.3. Procedimentos específicos

Os procedimentos específicos dizem respeito às descrições das ocorrências relacionadas aos níveis do percurso gerativo de sentido. Na introdução de cada variável, as denominações utilizadas pertencem ao método Camlong; na descrição do percurso gerativo, a denominação item lexical é substituída por figura, quando pertinente, e seus pesos, dados pelo léxico preferencial, são mencionados quando necessário. Os textos são tratados como variáveis durante toda a descrição e a análise.

5.4. Aplicação

Na variável **Esses Lopes**, o item lexical de maior peso, segundo a TDVL, é o patronímico **Lopes**, com o valor positivo de 8,148.

Nível fundamental do percurso gerativo de sentido

O destaque de valor dado ao item **Lopes** leva às extrações pertinentes, em que os recortes obtidos instalam “dominação”, como um dos termos das categorias do nível fundamental, evidenciado sobretudo em **tomavam, mandavam, donos, nenhum capim, nenhum leite**:

Esses Lopes, raça, vieram de outra ribeira, tudo adquiriam ou tomavam; não fosse Deus, e até hoje mandavam aqui, donos. (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 5)

Esses Lopes! – com eles, nenhum capim, nenhum leite. (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 8)

Lopes aponta o percurso de um poder visto negativamente, que se ratifica com a apreciação manifestada inicialmente pelo sujeito **Flausina** em “Má gente, de má paz; deles, quero distantes léguas.”(ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 1) e também no desfecho do relato, em “Todo o mundo vive para ter alguma serventia. Lopes não! - desses me arrenego.” (ROSA, 1967, p. 48, p. 22).

Mas um termo não se instala sozinho, constitui de imediato sua oposição, representada por liberdade, que se evidencia no primeiro parágrafo: “Livre, por velha nem revogada não me dou, idade é a qualidade.” (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 1)

Outras ocorrências colaboram para que os termos liberdade e dominação sejam articuladores fundamentais do sentido desta variável: a presença da primeira pessoa, representada por **me**, com peso altamente significativo na TVDL, sinaliza a expressiva participação, no nível discursivo, de um ator que se diz alvo de um processo, ou que desenvolve a ação voltada para si, ou ambos.

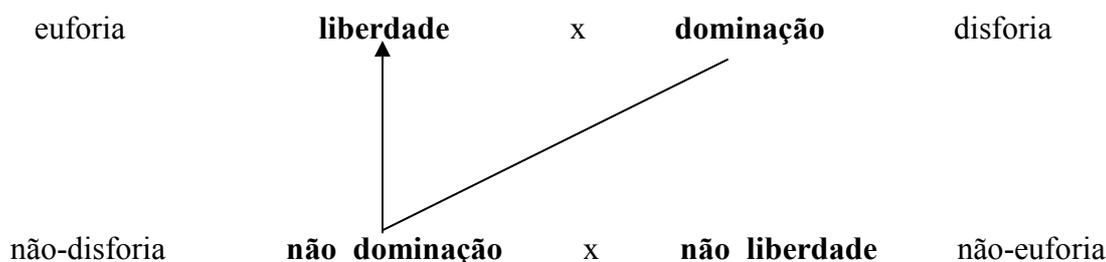
No plano fundamental, a determinação desses modos de presença é importante para ratificar a oposição e também o revestimento valorativo dos termos. **Lopes**, enquanto desencadeador de uma isotopia da dominação rejeitada, já se configura como disfórico.

Excluindo a ocorrência em - “Depois da missa de mês, me espera...” (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 16), pertencente a um locutor, identificado como **Nicão** no trecho que antecede essa fala (“Nicão, um, mau me emprazou:”, ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 16), os enunciados em que o narrador se diz alvo por meio do pronome **me - me pegou, me levou, me vigiar, me davam, me requerendo, me emprazou, me viu, me botou** - superam os demais. Essa incidência aponta a sujeição, a submissão a alguém ou a algo, ou a ambos, ratificada pelo comentário “Anos, que me foram, de gentil sujeição, custoso que nem guardar chuva em cabaça, picar fininho a couve.” (ROSA, 1967, p.47, parágrafo 16).

Em uma extração geral, voltada para a primeira pessoa, esses enunciados relacionam-se com “Eu queria me chamar Maria Miss, reprovoo meu nome, de Flausina.” (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 2), determinando que sujeição e fazer reflexivo ligam-se, no nível do discurso, à figura de **Flausina**, o mesmo sujeito que avalia negativamente os **Lopes**. Ao afirmar, no início de seu relato, no tempo do agora, “Livre, por velha nem revogada não me dou,” (ROSA, 1967, p.45, parágrafo 1), que se opõe a “A gente, eu, delicada moça, cativa assim, com o abafa daquele” (ROSA, 1967, p.46, parágrafo 10), pertencente ao tempo do

então, ratifica liberdade x dominação como categorias de base. Do ponto de vista de **Flausina**, a primeira é eufórica, a segunda é disfórica.

A sintaxe do nível fundamental baseia-se na afirmação e na negação das categorias de base. No quadrado semiótico, a S1 se atribui o termo liberdade, o que coloca dominação em S2, definindo semanticamente as operações fundamentais que vão impulsionar o percurso gerativo desta variável: da dominação em um tempo passado para a liberdade no tempo concomitante.



Disforia: dominação

Não-disforia: não-dominação

euforia: liberdade

Negar a dominação significa afirmar a liberdade. Esse percurso está sintetizado nos seguintes recortes:

-dominação – “Mas, primeiro, os outros obram a história da gente.” (ROSA, 1967, p.45, parágrafo 2)

-não-dominação – “Me viu e me botou na cabeça. Aceitei, de boa graça, ele era o aflitinho dos consolos.” (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 19)

-liberdade – “Livre, por velha nem revogada não me dou,” (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 1)

As determinações do nível fundamental, vistas em um plano mais geral, fazem identificar um enunciador que euforiza a liberdade e coloca em disforia os valores da dominação, do poder cruel e devorador que amesquinha os seres, depreendido das apreciações atribuídas aos **Lopes** por **Flausina**. Essa visão negativa já se revela no patronímico Lopes, enquanto semema relacionado à figura do lobo pois, segundo Gilbert Durand (1997) desde antiquíssimas civilizações, carrega a simbologia do mal. Pode-se dizer que, no nível fundamental, já se inscreve um enunciador e um *ethos*, com um tom contrário a um poder insensível e exploratório, e defensor da liberdade.

Nível narrativo

O alvo da dominação, o sujeito Flausina, não se submete aos **Lopes**. Elaborar e executar seu programa de libertação, evidenciando na narrativa o caminho da negação e asserção dado pelo nível fundamental. A sucessão dos fatos a partir do tempo passado mostra as transformações por que passa a vida de **Flausina**. Como o nível narrativo pode ser construído com dois enunciados mínimos: o da falta e o da liquidação da falta, nessa narrativa, o sujeito Flausina está em disjunção com o objeto-valor liberdade (“o querer outras

larguras.”, ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 10), enquanto se relaciona com os homens da família **Lopes**. Após uma série de enunciados de fazer, constituintes do programa de liquidação da falta, **Flausina** tem seu estado alterado, chegando à conjunção com o seu objeto-valor:

Livre, por velha nem revogada não me dou, (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 1)

O povo ruim terminou, aqueles. (ROSA, 1967, p. 48, parágrafo 21)

Na execução do programa, **Flausina**, enquanto sujeito-destinador, manipula os actantes figurativizados pelos homens da família **Lopes**, ou seja, manipula a instância do poder com um jogo de sedução, tentação e provocação.

- sedução:

Falei, quando dinheiro me deu, afetando ser bondoso:

- “Eu tinha três vinténs, agora tenho quatro...” Contentado ele ficou, não sabia que eu estava abrindo e medindo. (ROSA, 1967, p.46, parágrafo 8)

Anos, que me foram, de gentil sujeição, custoso que nem guardar chuva em cabaça, picar fininho a couve. (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 16)

E, este, bem demais e melhor tratei, seu desejo efetuado. (ROSA, 1967, p.47, parágrafo 19)

tentação: “Sorria debruçada em janela, no bico do beijo, negociável justicosa.” (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 18)

-provocação: - “De hoje por diante, só muito casada!” (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 19).

Esse jogo corre paralelo às articulações desenvolvidas pelo poder com o qual interage, pois os Lopes tentam pelo dinheiro e intimidam pela ação:

Falei, quando dinheiro me deu, afetando ser bondoso: (ROSA, 1967, p.46, parágrafo 8).

Para me vigiar, botou uma preta magra em casa, (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 9).

Para atuar como sujeito-destinador, é preciso um saber fazer que **Flausina** obtém, enquanto se relaciona com os Lopes:

Mais aprendi lição de ter juízo. Calei muitos prantos. Agüentei aquele caso corporal. (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 7)

Fiz que quis: saquei malinas lábias. (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 8)

Entendi: a que eu tinha de engambelar, por arte de contas; (...) Regi de alisar por fora a vida. (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 9)

Tracei as letras. Carecia de ter o bem ler e escrever, conforme escondida.

Isso principiei – minha ajuda em jornais de embrulhar e mais com as crianças de escola. (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 11)

Virei cria de cobra. (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 14)

Padeci com jeito. (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 16)

Até que aquela idéia endurecesse. (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 18)

Por isso, andei quebrando metade da cabeça: (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 20)

Flausina passa do estado de disjunção para o estado de conjunção pragmática com a liberdade, com que já se encontrava em conjunção cognitiva.

-disjunção pragmática:

O homem me pegou, com quentes mãos e curtos braços, me levou para uma casa, para a cama dele. (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 7)
de se estar noite inteira em canto de catre, com o volume do outro cercado a gente, [...] Eu ficava espremida mais pequena, (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 10)

-disjunção pragmática, conjunção cognitiva com a liberdade:

na parede minha unha riscava rezas, o querer outras larguras. (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 10)
Mexi em vão por me soltar, dessas minhas pintadas feras. [...] Anos, que me foram, de gentil sujeição, custoso (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 16)
Aceitei, de boa graça, ele era o aflitinho dos consolos. (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 19)

-não-disjunção pragmática:

Mais, enfim que o filho dele nasceu, agora já tinha em mim a confiança toda, quase. (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 13)

-conjunção pragmática com a liberdade:

Livre, por velha nem revogada não me dou, (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 1)

A semântica narrativa revela os valores inscritos nos objetos que se dividem em objetos modais e objetos de valor. Os objetos modais são representados pelo querer, dever, poder e saber. Os objetos de valor são aqueles com os quais os sujeitos entram em conjunção ou em disjunção.

Para o sujeito **Flausina**, o objeto-valor é a liberdade, o objeto modal é poder ser. Em seu tempo de então, **Flausina** queria, mas não podia libertar-se dos **Lopes**. Adquirindo a competência em sucessivas narrativas modalizadas pelo querer e realizando a **performance** em narrativas em que o querer e o não poder não fazer se sobrepõem às interdições, ela entra em conjunção com o objeto-valor, expresso no trecho “Quero falar alto.” (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 1), em que o presente do indicativo do verbo aponta a continuidade. Para agir, **Flausina** precisou valer-se do parecer em detrimento do ser:

-parecia ser: “Contentado ele ficou, não sabia que eu estava abrindo e medindo. (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 8)

-parecia querer: “Fiz que quis: saquei malinas lábias.” (ROSA, 1967, p.46, parágrafo 8)

-parecia aceitar: Carecia de ter o bem ler e escrever, conforme escondida. (ROSA, 1967, 46, parágrafo 11)

Anos, que me foram, de gentil sujeição, custoso que nem guardar chuva em cabaça, picar fininho a couve. (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 16)
Deixo de porfias, (ROSA, 1967, p. 48, parágrafo 21)

-parecia lamentar: “Inconsolável chorei, conforme os costumes certos,” (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 18)

O querer de Flausina é expresso em:

-querer ter:

o querer outras larguras. (ROSA, 1967, p.46, parágrafo 10)
E o governo da vida? (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 16)
Quero o bom-bocado que não fiz, (ROSA, 1967, p. 48, parágrafo 22)

-querer ser: “Livre, por velha nem revogada não me dou, [...] Meu gosto agora é ser feliz,” (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 1)

-querer fazer: “Quero falar alto.” (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 1)

A aparente aceitação de **Flausina** em relação aos **Lopes** não se deve somente ao fato de se achar indefesa no tempo de então; a desvalorização social leva-a a detectar, progressivamente, a possibilidade de operar uma alteração em seu estado de pobreza, justificando as ações como reflexo da mesma violência, da mesma insensibilidade de que foi alvo:

- percepção de que a situação social se sobrepõe a outros valores - “Só que o que mais cedo reponta é a pobreza.” (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 3)

-vulnerabilidade - “Mãe e pai não deram para punir por mim.” (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 5)

- impotência diante de um poder insensível, violento: Tive algum? Cortesias nem igreja. O homem me pegou, com quentes mãos e curtos braços, me levou para uma casa, para a cama dele. (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 7)

-percepção de possíveis transformações de estado – “saquei malinas lábias.” (ROSA, 1967, p.46, parágrafo 8)

-percurso de liquidação da falta – “E dê-cá dinheiro.” (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 12)

-justificação das ações com a violência sofrida – “Por sopro do demo, se vê, uns homens caçam é mesmo isso, que inventam.” (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 8)

-justificação das ações como reflexo de uma interação – “Aquilo tange as canduras de noiva, pega feito doença, para a gente em espírito se traspassa.” (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 10)

-liquidação da falta material - “Daí, tudo tanto herdei, até que com nenhum enjôo.” (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 20)

Para a consecução de seu programa narrativo de base, **Flausina** vale-se do parecer em detrimento do ser, caracterizador dos programas narrativos de uso. Esse aspecto indica a probabilidade de uma frustração, que já se delineia em “Tão certo como eu hoje estou o que nunca fui.” (ROSA, 1968, p. 46, parágrafo 10), com o emprego do verbo **estar**, portador da transitoriedade, em oposição ao verbo *ser*, indicativo do estado permanente.

A manipulação por sedução e por provocação que encobre um querer intenso voltado para a aquisição da liberdade e também para os valores materiais do outro, cria um efeito de estranhamento e irradia um tom de manipulação por provocação do enunciador em relação a seu co-enunciador, no sentido de que sejam observadas as falas e as ações dos sujeitos envolvidos nos episódios.

Por sopro do demo, se vê, uns homens caçam é mesmo isso, que inventam.
(ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 8)

Nível discursivo

Actorialização

A articulação em primeira pessoa aqui se destaca com os valores preferenciais das formas *me (2,675)*, *meus (3,456)*, *quero (4,436)*, *achei (3,644)*, *amo (3,644)*. Quanto à inserção no discurso:

-**me** relaciona-se a verbos flexionados na primeira e na terceira pessoa:

não me dou, [...] Lopes nenhum me venha, (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 1)
me via vestida de flores. [...] Me valia ter pai e mãe, [...] sem da inocência me destruir, [...] Eu queria me chamar Maria Miss, (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 3)
Deus me deu [...] Me olhava: aí eu espiada e enxergada no ter de me estremecer. (ROSA, 1967, 45, parágrafo 4)
O homem me pegou, [...] me levou para uma casa, (ROSA, 1967, p.45, parágrafo 7)
quando dinheiro me deu, (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 8)
Para me vigiar, (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 9)
ele me enriquecia. (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 13)
E os Lopes me davam sossego? (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 15)
Dois deles, tesos, me requerendo, [...] Nicão, um, mau me emprazou: [...] Anos, que me foram, de gentil sujeição, (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 16)
ainda me sobrou: [...] Me viu e me botou na cabeça. (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 19)
menos me falem, [...] sou de me constar em folhinhas e datas? (ROSA, 1967, p. 48, parágrafo 21)
me venham filhos, [...] De que me adianta estar remediada e entendida, (ROSA, 1967, p. 48, parágrafo 22)

- **meus** ocorre em:

Mesmo de meus filhos, os três. (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 1)
Se enfrentaram, bom contra bom, meus relâmpagos, a tiros e ferros. (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 18)

Meus filhos, Lopes, também, provi de dinheiro, (ROSA, 1967, p. 48, parágrafo 21)

-a forma verbal **quero** caracteriza os seguintes enunciados:

deles, quero distantes léguas, [...] Quero falar alto. (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 1)

Quero o bom-bocado que não fiz, quero gente sensível! (ROSA, 1967, p. 48, parágrafo 22)

-a forma verbal **achei** ocorre em:

Ainda achei o fundo do meu coração. (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 1)

Deixo de porfias, com o amor que achei. (ROSA, 1967, p. 48, parágrafo 21)

-a forma verbal **amo** ocorre em:

Amo um homem, (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 1)

Amo, mesmo. (ROSA, 1967, p. 48, parágrafo 21)

Com essas determinações, pode-se constatar que ocorre a debreagem enunciativa da enunciação instalando um eu narrador. A presença da primeira pessoa mostra também a identidade desse narrador com um dos actantes da narrativa, criando efeitos de subjetividade. No nível figurativo, o eu narrador e o actante reúnem-se em **Flausina** e sua corporalidade madura, identificada nos trechos “Livre, por velha nem revogada não me dou, idade é a qualidade.” (ROSA, 1967, p.45, parágrafo 1); “Que podia ser mãe dele, menos me falem, sou de me constar em folhinhas e datas?” (ROSA, 1967, p. 48, parágrafo 21). Essas informações ratificam-se quando, por meio da debreagem enunciativa do enunciado, **Flausina**, como narrador actante, relata um tempo passado, o tempo em que era menina e mocinha, no qual se retrata delicada, inocente, inofensiva e indefesa:

Eu era menina, me via vestida de flores. [...] Mocinha fiquei, sem da inocência me destruir, tirava junto cantigas de roda e modinhas de sentimento. (ROSA, 1967, p.45, parágrafo 3)

Para o narrador actante Flausina, é a chegada dos **Lopes** que gera a transformação no seu modo de ser. Por uma debreagem enunciativa do enunciado, que cria um efeito de distanciamento, esse narrador actante retrata o poder, a violência e a insensibilidade dos Lopes:

E veio aquele, Lopes, chapéu grandão, aba desabada. Nenhum presta; mas esse, Zé, o pior, rompente sedutor. (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 4)

Esses Lopes, raça, vieram de outra ribeira, tudo adquiriam ou tomavam; não fosse Deus, e até hoje mandavam aqui, donos. (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 5)

O efeito de distanciamento tem marcas enfáticas de subjetividade, à medida que a referência aos **Lopes** é feita com os pronomes **esse**, **esses**, **aquele**, traduzindo e reforçando a aversão. Esse tom de rejeição também é dirigido à própria **Flausina** e pode ser detectado na debreagem de segundo grau, quando, como narradora, cede a voz a si mesma, no

tempo não-concomitante (ROSA, 1967, pp. 46 e 47, parágrafos 8 e 19). As falas têm tripla marcação: além dos dois pontos e do travessão, as aspas diferenciam a interlocução, indicando um absoluto distanciamento entre a **Flausina** do presente, desvinculado dos Lopes, e a do passado, ligado aos **Lopes**, rompendo assim qualquer identidade ou identificação. Esse distanciamento se faz presente ainda na ocorrência do discurso citante e do discurso citado, em que também se nota a atitude de denúncia: não havendo o diálogo, a palavra não é assumida, privilegiando a expressão “falso alegado”. Embora haja dois pontos, o uso do verbo no pretérito imperfeito identifica o discurso como citado, a fala apenas mencionada dilui-se e prevalece a análise da interlocução da **Flausina** jovem feita pela **Flausina** madura:

Mandou embora a preta Si-Ana, quando levantei o falso alegado: que ela alcovitava eu cedesse vezes carnisais a outro, (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 13)

Essas ocorrências vão delineando um narrador actante que rejeita e denuncia não só os **Lopes**, como também a si mesmo, enquanto se reveste da figura de **Flausina** em relação com os **Lopes**. Para estimular o narratário a essa percepção, utiliza frases indagativas, para as quais não espera resposta e sim atenção maior. Em algumas dessas indagações, desconstrói consensos culturais e morais, ao mesmo tempo que procura justificar o fazer realizado, o que cria o paradoxo, pois minimiza a ação com avaliações que contradizem o consenso moral:

-desconstrução de consensos culturais e morais relativos às figuras mencionadas:

Me valia ter pai e mãe, sendo órfã de dinheiro?(ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 3)

Ao Sertório dei mesmo dois filhos? Total, o quanto que era dele, cobre, passando ligeiro para as minhas posses; até honra. (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 17)

-justificativas:

Tive algum? Cortesias nem igreja. (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 7)

A gente, eu, delicada moça, cativa assim, com o abafado daquele, sempre rente, no escuro. [...] sei as perversidades que roncava? (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 10)

E os Lopes me davam sossego? (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 15)

E o governo da vida? (ROSA, 1967, p.47, parágrafo 16)

sou de me constar em folhinhas e datas? (ROSA, 1967, p. 48, parágrafo 21)

-frustração:

De que me adianta estar remediada e entendida, se não dou conta da questão das saudades? (ROSA, 1967, p. 48, parágrafo 22)

As indagações que assumem valor argumentativo e que não esperam resposta também podem ser vistas como uma sanção negativa em relação ao saber do narratário, minimizando qualquer avaliação por parte deste: esse traço é demonstrado pela generalização feita em “Ninguém põe idéia nesses casos:” (ROSA, 1967, p.46, parágrafo 10), quando nega a competência do narratário para avaliar.

Algumas vezes, o narrador actante emprega a expressão **a gente**, diluindo as fronteiras com o narratário e neutralizando as pessoas. Esse mecanismo de embreagem rompe os limites enunciativos e atinge a enunciação: a expressão **a gente** envolve o par enunciador/co-enunciador, configurando, enquanto emissão do enunciador, uma espécie de arremedo irônico e um processo de conscientização sobre a contradição entre consensos culturais e ação:

-afirmação sobre a impotência do seres: “Mas, primeiro, os outros obram a história da gente.” (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 2)

-arremedo de impotência, com ironia concentrada em *delicada moça*, à medida que o enunciador expressa inicialmente o enunciado, o que pode ser inferido pela expressão **a gente**, instalando-o a seguir no nível narrativo:

A gente, eu, delicada moça, cativa assim, com o abafado daquele, sempre rente, no escuro. (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 10)

A ambivalência de **Flausina**, exposta em outras afirmações soa, na voz do enunciador, como arremedo, o que leva à reflexão sobre consensos morais e estereótipos culturais: “A gente tem é de ser miúda, mansa, feito botão de flor.” (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 5).

A debreagem actancial aponta até agora para um efeito de distanciamento em relação aos **Lopes** e ao fazer desenvolvido por **Flausina**, enquanto interage com os **Lopes**. Nesse processo, ao mesmo tempo em que o narrador actante procura estimular a atenção do narratário para certos tópicos, sobretudo os paradoxais, abafa-lhe a voz com avaliações negativas de sua competência. A expressão **a gente** não indica proximidade, mas a presença de um enunciador que envolve o enunciatário em um processo de conscientização: há ironia em relação a consensos culturais, à medida que estabelece a contradição entre a ação e as palavras de **Flausina**, o que faz emergir uma figura feminina desprovida da caracterização e da integridade convencionadas por determinadas coletividades.

tudo adquiriam ou tomavam; não fosse Deus, e até hoje mandavam aqui, donos. A gente tem é de ser miúda, mansa, feito botão de flor. (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 5)

Temporalização

Na zona preferencial, acha-se a forma **quero**, que leva a duas extrações do primeiro parágrafo: “Má gente, de má paz; deles, quero distantes léguas” e “Quero falar alto” (ROSA, 1967, p.45). Inserindo essas extrações nesse mesmo parágrafo, nota-se a ocorrência de outras formas preferenciais – **dou**; **é**; **amo**; **vive**; **escorraço**; **há** – projetando a construção narrativa com o predomínio do tempo presente. A debreagem temporal acomoda, portanto, um tempo do agora, um tempo concomitante, sinalizando o sistema temporal enunciativo da enunciação, com o uso do presente do indicativo. Essa debreagem enunciativa de primeiro grau abre-se para o então: por uma debreagem interna cria-se a não-concomitância, figurativizada no relato do passado de **Flausina**.

Meu gosto agora é ser feliz no sofrer e no regalo. (ROSA, 1967, p.45, parágrafo 1)

Eu era menina, me via vestida de flores. (ROSA, 1967, parágrafo 3)

Nessa base, inserem-se outros tempos, entre os quais será destacado o presente gnômico que marca o retorno à instância da enunciação, inserindo o par enunciador/co-enunciador. O presente omnitemporal é gerado pelo mecanismo da embreagem, uma vez que suspende o tempo da narrativa. Nessas emissões, detecta-se a opinião do enunciador e suas relações persuasivas com o co-enunciador:

-valoriza o primordial, o original: “A maior prenda, que há, é ser virgem.” (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 1)

-declara a impotência dos seres: “Mas, primeiro, os outros obram a história da gente.” (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 2)

-aponta a desvalorização do ser e a prevalência da materialidade: “Só que o que mais cedo reponta é a pobreza.” (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 3)

-revela a contradição entre **o parecer** estereotipado e **o ser**: “A gente tem é de ser miúda, mansa, feito botão de flor.” (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 5)

-chama a atenção para uma cadeia de ações e reações: “Por sopro do demo, se vê, uns homens caçam é mesmo isso, que inventam. Esses Lopes! – com eles, nenhum capim, nenhum leite.” (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 8)

-afirma a subjetividade das interações: “Dito: meio se escuta, dobro se entende.” (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 14)

-assinala a ambivalência: “Tudo o que é bom faz mal e bem.” (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 20)

-desvaloriza o poder: “Todo o mundo vive para ter alguma serventia. Lopes, não! – desses me arrenego.” (ROSA, 1967, p. 48, parágrafo 22)

Na voz de **Flausina**, as expressões soam como paradoxo, à medida que suas ações também destroem. Na voz do enunciador, induz a inferir as declarações sobre ação e reação mencionadas no parágrafo 8 (ROSA, 1967, p. 46).

Relacionando-se essas expressões àquelas do nível actancial, também identificadoras do enunciador, surge a valorização de um estado integral, primordial dos seres, em detrimento de todo um complexo de poder que se sobrepõe e destrói.

Espacialização

A figura **casa** aparece entre as preferenciais e se relaciona a **Flausina** em:

A cavalo ele passava, por frente de casa, (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 5)

Para me vigiar, botou uma preta magra em casa, (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 9)

Varri casa, joguei o cisco para a rua, (ROSA, 1967, p. 8, parágrafo 14)

Já entrava por mim a dentro em casa. (ROSA, 1967, 47, parágrafo 16)

Nicão a casa rodeava. (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 17)

No que se refere à ocupação do espaço, emerge um corpo de pouco trânsito externo, pouco expandido, concentrado. Figurativizações aí expostas, especificamente **passar a cavalo**, deixam subentender o ambiente rural, que também se mostra nos relatos do tempo não-concomitante ou quando há comparações:

linda eu era até a remirar minha cara na gamela dos porcos, na lavagem. (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 4)

vieram de outra ribeira, (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 5)

Na cachaça, botava sementes de cabaceira-preta, dosezinhas; no café, cipó timbó e saia-branca. (...) Com o tingui-capeta, um homem se esmera, abranda. Estava já amarelinho feito ovo que ema acabou de pôr. (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 14)

O espaço **aqui**, determinado pela debreagem enunciativa de primeiro grau, é assumido pelo narrador actante figurativizado em **Flausina**, para indicar o distanciamento imposto aos filhos, desconstruindo assim um consenso cultural. Também é com essa referência espacial que mostra a libertação:

para longe daqui viajarem gado. (ROSA, 1967, p. 48, parágrafo 21)

não fosse Deus, e até hoje mandavam aqui, donos. (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 5)

O fato de **Flausina** citar Deus, instala novamente o contraditório, pois, pela interdiscursividade, suas ações se colocam no oposto do que é recomendado em nome do Deus que menciona. Com **Flausina**, constroem-se dois percursos de valores: um, ligado ao consenso do que é o bem; outro, que remete ao oposto, criando contornos imprecisos. **Flausina** faz referências ao bem, mas desenvolve uma linha actancial considerada divergente. Essas contradições, quando vistas a partir da enunciação e do enunciador, adquirem o valor da denúncia e da conscientização.

A rejeição aos Lopes também pode ser traduzida em movimentos espaciais:

-recusa à aproximação: “Lopes nenhum me venha,” (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 1)

-movimento direcional oposto à progressão convencional, indicando distanciamento temporal e repúdio: “Para trás, o que passei,” (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 1)

-compressão do corpo, representativos da opressão, e desejo de liberdade:

de se estar noite inteira em canto de catre, com o volume do outro cercando a gente, [...] com o abafo daquele, sempre rente, [...] Eu ficava espremida, mais pequena. Na parede minha unha riscava rezas, o querer outras larguras. (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 10)

Figuras e temas

A semântica do nível discursivo tem, a partir da figura **Lopes**, toda uma articulação explícita e também constitutiva, que põe em relevo o tema da dominação, da sujeição violenta e cruel e que se ratifica na própria etimologia da palavra. Essa arquitetura

temática encontra nas figuras contidas na lista dos **hápx** a maioria de suas realizações, comprovando a importância desse rol na orientação do discurso. A oposição a partir de que o texto se erige acha-se nas figuras **livre** e **sujeição**, respectivamente os **hápx** 134 e 157 de sua TDVL, parcialmente exposta nos anexos deste artigo. O primeiro remete ao termo liberdade do nível fundamental, que também representa o objeto valor de **Flausina** e induz às nuances que adquire no discurso, quando relacionado às frustrações de **Flausina**, expressas nas figuras **menininha – hápx** 181; **saudades – hápx** 293; **virgem – hápx** 291. O antropônimo faz parte dos **hápx**, sob o número de ordem 136, bem como a representação de sua vulnerabilidade, com os **hápx** 138 – **flor**, 137 – **flores**, 129 – **inocência**, e sua rejeição à identidade frágil, **hápx** 180 – **maria-miss**. A transformação de Flausina é dada por **entendi**, **hápx** 102; **saquei**, 230; **regi**, 242; **aprendi**, 34; **alisar**, 50; **herdei**, 144; **acabou**, 66; **lição**, 127; **de-cá** – 254; **enriquecia** – 112; **autorizei** – 37; **mealhava** – 192; **desferrada** – 92. As referências aos anti-sujeitos também pertencem aos **hápx**, ratificando a importância desse rol lexical para a articulação do discurso: **Sorocabano Lopes** – 300; **Zé** – 99; **primo** – 316 e **velhoco** – 306. O período de opressão é figurativizado com os **hápx** 62 – **abafo**, 64 – **abusos**, 78 – **espremida**, 79, 114 – **emprazou**; 120 – **larguras**.

O fato de o enunciador optar por um narrador actante feminino e ambientá-lo no espaço rural, traz figurativizações específicas para a caracterização de **Flausina**, muitas delas pertencentes também à lista dos **hápx**: 27 – **bom-bocado** (“Quero o bom-bocado que não fiz,” ROSA, 1967, p. 48, parágrafo 22); 49 – **couve**, 143 – **fininho**, 169 – **picar** (“picar fininho a couve,” ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 16); 65 – **abotoar** (“abotoar botão na casa errada”, ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 19); 95 – **ema**, 200 – **ovo** (“feito ovo que ema acabou de pôr,” ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 14); 104 – **enxoval**, 190 – **noivado** (“ eu queria enxoval, ao menos, feito as outras, ilusão de noivado”, ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 7); 121 – **lavagem**, 320 – **porcos** (“a remirar minha cara na gamela dos porcos, na lavagem”, ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 3); 122 – **leite** (com eles, nenhum capim, nenhum leite.”, ROSA, 1967, p.46, parágrafo 8); 168 – **temperadas**, 277 – **comidas** (“temperadas comidas,” ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 20); 140 – **ferver**, 205 – **panela** (“água de ferver fora de panela”, ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 18); 187 – **pedacinhos** (“Aos pedacinhos, me alembro.”, ROSA, 1967, p.45, parágrafo 6); 255 – **debruçada** (“Sorria debruçada em janela,” ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 18); 284 – **camisolas** (“camisolas do demônio”, ROSA, 1967, p. 46, parágrafo 9); 313 – **varri** (“Varri casa,” ROSA, 1967, p.46, parágrafo 14).

Por meio de **Flausina** desenham-se a sujeição e o repúdio. Entretanto, cria-se um contraste entre os atributos iniciais de delicadeza, sentimento e sensibilidade, e as ações desenvolvidas que não se destinam somente à libertação do jugo, mas também à apropriação de bens. Configuram-se o paradoxo e a ironia em que o caráter de delicadeza emerge como estereótipo aplicado à mulher, abordagem que se ratifica à medida que **Flausina** desconstrói valores como maternidade, honra e família, justificando como vingança pela violência sofrida. A figura assume o papel de justiceira:

Mãe e pai não deram para punir por mim. (ROSA, 1967, p.45, parágrafo 5)

Total, o quanto que era dele, cobre, passando ligeiro já para minhas posses; até honra. (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 17)

Sorria debruçada em janela, no bico do beijo, negociável; justa. (ROSA, 1967, p. 47, parágrafo 18)

Entanto que enfim, agora, desferrada, (ROSA, 1967, p. 48, parágrafo 21)

Ratifica esse percurso o antropônimo **Flausina**, que traz uma referência à flor e que é rejeitado pela narradora actante:

Eu queria me chamar Maria Miss, reprovo meu nome, de Flausina.(ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 3)

A justiça de **Flausina** não desfaz a frustração, porque não elimina sua experiência com os **Lopes** e não possibilita recuperar a época primeira da existência.

Tão certo como eu hoje estou o que nunca fui. (ROSA, 1967, p. 46, parágrafo10)

De que me adianta estar remediada e entendida, se não dou conta da questão das saudades? Eu, um dia, fui já muito menininha... (ROSA, 1967, 48, parágrafo 22).

Emerge a denúncia, não da mulher rural em relação ao poder representado pelos **Lopes**, mas do enunciador em relação a um mundo em que voracidade e insensibilidade se sobrepõem a todos os seres, impregnando-os e marcando suas interações.

A afirmação “A maior prenda, que há, é ser virgem” (ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 1) e a indagação acompanhada de reminiscências – “De que me adianta estar remediada e entendida, se não dou conta da questão das saudades? Eu, um dia, fui já muito menininha [...]” (ROSA, 1967, p. 48, parágrafo 22) – determinam um movimento para as origens: há concordância entre enunciador, narrador actante e ator na valorização dos planos naturais e genuínos dos seres. Por conseguinte, há um **ethos** voltado para esses planos, para a preservação e a integralidade em detrimento das construções e das ações destruidoras. A articulação de uma cena de denúncia, na qual, de modo concentrado, uma corporalidade feminina e madura expressa a sua perspectiva, já é uma ruptura com os estereótipos, principalmente quando o espaço é considerado. Significa romper o silêncio conformado, eleger a experiência com a tirania, para assinalar a violência de um poder que destrói a integridade, estimulando desejos iguais e ações insensíveis. Nesse percurso temático e figurativo, a estereotipia, relacionada à delicadeza, ao sentimento e à sensibilidade feminina, entra em contraste com a mulher justiceira, chamando a atenção para a voracidade e a crueldade existentes, estimuladas pelas próprias construções dos seres. A oposição de base, dominação x liberdade, diz respeito à libertação de criações sociais e culturais, e o possível encontro com o genuíno, a integralidade e a integridade (“A maior prenda, que há, é ser virgem.”, ROSA, 1967, p. 45, parágrafo 1).

6. Considerações finais

Os dados fornecidos pela Tabela de Discriminação de Valores Lexicais mostraram-se válidos e produtivos; as observações desenvolvidas ao longo da descrição e da análise nasceram com os itens privilegiados pelos valores da TDVL, produzida pelo Método Camlong: itens preferenciais como o patronímico **Lopes**, o antropônimo **Flausina**, o adjetivo **livre** e o substantivo **sujeição**, inseridos no percurso gerativo, determinaram as operações de base, os programas narrativos e, transformados em figuras e temas relacionados pela articulação discursiva, delinearão as isotopias dominantes, impulsionando os comentários. O valor destacado de formas verbais flexionadas no presente do indicativo revelaram, nas frases de caráter geral, a presença do enunciador e a intencionalidade estimuladora do ato de comunicação. Em todos os procedimentos, a contribuição da tecnologia e da estatística para o

desenvolvimento do percurso gerativo de sentido demonstrou a sua validade, criando a sugestão de um método interdisciplinar para descrição e análise de textos.

Referências Bibliográficas

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 2005, 96 p.
- _____. **Teoria do Discurso. Fundamentos Semióticos**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2002, 174 pp.
- _____. **Paixões e Apaixonados: Exame Semiótico de Alguns Percursos** in: *Cruzeiro Semiótico*, Porto, n. 16, p. 11-24, 1992.
- _____. Estudos do Discurso. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Lingüística II. Princípios de Análise**, 2ª. ed. São Paulo: Contexto, p. 187-219.
- _____. & FIORIN, José Luiz (orgs.) **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2003, 96 pp.
- BORBA, F. Silva. **Dicionário de Usos do Português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002, 1674 pp.
- CAMLONG, André. **Methodes d'Analyse Lexicale, Textuelle et Discursive**. Paris: Ophrys, 1996, 231 pp.
- DURAND, Gilbert. **Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, 552 pp.
- _____. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988, 114 pp.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 13ª. ed. São Paulo: Contexto, 128 p.
- _____. **As Astúcias da Enunciação**. 1ª. ed. São Paulo: Ática, 320 pp.
- _____. **Algumas Considerações sobre o Medo e a Vergonha**. In: *Cruzeiro Semiótico*, Porto, no. 16, 55-63, 1992.
- FONTANILLE, J. & GREIMAS, A.J. **Semiótica das Paixões**. São Paulo: Ática, 1993, 294 pp.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o Sentido: Ensaio Semióticos**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1975, 245 pp.
- _____. & COURTES, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1989, 493 pp.
- ROSA, J.G. **Tutaméia: terceiras estórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967, 192 pp.
- ZAPPAROLI, Zilda M. & CAMLONG, André. **Do Léxico ao Discurso pela Informática**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2002, 256 pp.

ANEXOS

Anexo A: Variável

Esses Lopes

1 Má gente, de má paz; deles, quero distantes léguas. Mesmo de meus filhos, os três. Livre, por velha nem revogada não me dou, idade é a qualidade. Amo um homem, ele vive de admirar meus bons préstimos, boca cheia d' água. Meu gosto agora é ser feliz, em uso, no sofrer e no regalo. Quero falar alto. Lopes nenhum me venha, que às dentadas escorraço. Para trás, o que passei, foi arremedando e esquecendo. Ainda achei o fundo do meu coração. A maior prenda, que há, é ser virgem.

2 Mas, primeiro, os outros obram a história da gente.

3 Eu era menina, me via vestida de flores. Só que o que mais cedo reponta é pobreza. Me valia ter pai e mãe, sendo órfã de dinheiro? Mocinha fiquei, sem da inocência me destruir, tirava junto cantigas de roda e modinhas de sentimento. Eu queria me chamar Maria-Miss, reprovando meu nome, de Flausina.

4 Deus me deu esta pintinha preta na alvura do queixo – linda eu era até a remirar minha cara na gamela dos porcos, na lavagem. E veio aquele, Lopes, chapéu grandão, aba desabada. Nenhum presta; mas esse, Zé, o pior, rompente sedutor. Me olhava: aí eu espiada e enxergada, no ter de me estremecer.

5 A cavalo ele passava, por frente de casa, meu pai e minha mãe saudavam, soturnos de outro jeito. Esses Lopes, raça, vieram de outra ribeira, tudo adquiriam ou tomavam; não fosse Deus, e até hoje mandavam aqui, donos. A gente tem é de ser miúda, mansa, feito botão de flor. Mãe e pai não deram para punir por mim.

6 Aos pedacinhos, me alembro.

7 Mal com dilato para chorar, eu queria enxoval, ao menos, feito as outras, ilusão de noivado. Tive algum? Cortesias nem igreja. O homem me pegou, com quentes mãos e curtos braços, me levou para uma casa, para a cama dele. Mais aprendi a lição de ter juízo. Calei muitos prantos. Agüentei aquele caso corporal.

8 Fiz que quis: saquei malignas lábias. Por sopro do demo, se vê, uns homens çaçam é mesmo isso, que inventam. Esses Lopes! – com eles, nenhum capim, nenhum leite. Falei, quando dinheiro me deu, afetando ser bondoso: - "Eu tinha três vinténs, agora tenho quatro..." Contentado ele ficou, não sabia que eu estava abrindo e medindo.

9 Para me vigiar, botou uma preta magra em casa, Si-Ana. Entendi: a que eu tinha de engambelar, por arte de contas; e à qual chamei de madrinha e comadre. Regi de alisar por fora a vida. Deitada é que eu achava o somenos do mundo, camisolas do demônio.

10 Ninguém põe idéia nesses casos: de se estar noite inteira em canto de catre, com o volume do outro cercando a gente, rombudo, o cheiro, o ressonar, qualquer um é alheios abusos. A gente, eu, delicada moça, cativa assim, com o abafado daquele, sempre rente, no escuro. Daninhagem, o homem parindo os ocultos pensamentos, como um dia come o outro, sei as perversidades que roncava? Aquilo tange as canduras de noiva, pega feito doença, para a gente em espírito se traspassa. Tão certo como eu hoje estou o que nunca fui. Eu ficava espremida mais pequena, na parede minha unha riscava rezas, o querer outras largas.

11 Tracei as letras. Carecia de ter o bem ler e escrever, conforme escondida. Isso principiei – minha ajuda em jornais de embrulhar e mais com as crianças de escola.

12 E dê-cá dinheiro.

13 O que podendo, dele tudo eu para mim regravava. Mealhava. Fazia portar escrituras. Sem acautelar, ele me enriquecia. Mais, enfim que o filho dele nasceu, agora já tinha em mim a confiança toda, quase. Mandou embora a preta Si-Ana, quando levantei o falso alegado: que ela alcovitava eu cedesse vezes carnisais a outro, Lopes igual – que da vida logo desapareceu, em sistema de não-se-sabe.

14 Dito: meio se escuta, dobro se entende. Virei cria de cobra. Na cachaça, botava sementes de cabaceira-preta, dosezinhas; no café, cipó-timbó e saia-

branca. Só para arrefecer aquela desatada vontade, nem confirmo que seja crime. Com o tingui-capeta, um homem se esmera, abranda. Estava já amarelinho, feito ovo que ema acabou de pôr. Sem muito custo, morreu. Minha vida foi muito fatal. Varri casa, joguei o cisco para a rua, depois do enterro.

15 E os Lopes me davam sossego?

16 Dois deles, tesos, me requerendo, o primo e o irmão do falecido. Mexi em vão por me soltar, dessas minhas pintadas feras. Nicão, um, mau me emprazou: - "*Depois da missa de mês, me espera...*" Mas o Sertório, senhor, o outro, ouro e punhal em mão, inda antes do sétimo dia já entrava por mim a dentro em casa. Padei com jeito. E o governo da vida? Anos, que me foram, de gentil sujeição, custoso que nem guardar chuva em cabaça, picar fininho a couve.

17 Tanto na bramosia os dois tendo ciúme. Tinham de ter, autorizei. Nicão a casa rodeava. Ao Sertório dei mesmo dois filhos? Total, o quanto era dele, cobreí, passando ligeiro já para minhas posses; até honra. Experimentei finuras novas – somente em jardim de mim, sozinha. Tomei ar de mais donzela.

18 Sorria debruçada em janela, no bico do beíço, negociável; justiça. Até que aquela idéia endurecesse. Eu já sabia que ele era Lopes, desatinado, fogoso, água de ferver fora de panela. Vi foi ele sair, fulo de fulo, revestido de raiva, com os bolsos cheios de calúnias. Ao outro eu tinha enviado os recados, embebidos em doçuras. Ri muito útil ultimamente. Se enfrentaram, bom contra bom, meus relâmpagos, a tiros e ferros. Nicão morreu sem demora. O Sertório durou, uns dias. Inconsolável chorei, conforme os costumes certos, por a piedade de todos: pobre, duas e meio três vezes viúva. Na beira do meu terreiro.

19 Mas um, mais, porém, ainda me sobrou. Sorocabano Lopes, velhoco, o das fortes propriedades. Me viu e me botou na cabeça. Aceitei, de boa graça, ele era o aflitinho dos consolos. Eu impondo: - "*De hoje por diante, só muito casada!*" Ele, por fervor, concordou – com o que, para homem nessa idade inferior, é abotoar o botão na casa errada. E, este, bem demais e melhor tratei, seu desejo efetuado.

20 Por isso, andei quebrando metade da cabeça: dava a ele gordas, temperadas comidas, e sem descanso agradadas horas – o sujeito chupado de amores, de chuchurro. Tudo que é bom faz mal e bem. Quem morreu mais foi ele. Daí, tudo tanto herdei, até que com nenhum enjôo.

21 Entanto que enfim, agora, desferrada. O povo ruim terminou, aqueles. Meus filhos, Lopes, também, provi de dinheiro, para longe daqui viajarem gado. Deixo de porfias, com o amor que achei. Duvido, discordo de quem não goste. Amo, mesmo. Que podia ser mãe dele, menos me falem, sou de me constar em folhinhas e datas?

22 Que em meu corpo ele não mexa fácil. Mas que, por bem de mim, me venham filhos, outros, modernos e acomodados. Quero o bom-bocado que não fiz, quero gente sensível. De que me adianta estar remediada e entendida, se não dou conta de questão de saudades? Eu, um dia, fui já muito menininha... Todo o mundo vive para ter alguma serventia. Lopes, não! – desses me arrenego.

(ROSA, J. G. **Tutaméia: terceiras histórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, pp. 72-75).

Anexo B**Faixa Preferencial da Tabela de Discriminação de Valores Lexicais**

TDVL		ESSES	LOPES	
Ordem	Itens Lexicais	Total	Esses Lopes	Valor
1	lopes	10	10	8,148
2	nicão	3	3	4,463
3	sertório	3	3	4,463
4	preta	3	3	4,463
5	filhos	5	4	4,436
6	quero	5	4	4,436
7	morreu	4	3	3,671
8	si-ana	2	2	3,644
9	botão	2	2	3,644
10	amo	2	2	3,644
11	deus	2	2	3,644
12	fulo	2	2	3,644
13	má	2	2	3,644
14	achei	2	2	3,644
15	meus	7	4	3,456
16	outro	14	6	3,302
17	nenhum	11	5	3,183
18	esses	5	3	3,110
19	hoje	5	3	3,110
20	dinheiro	8	4	3,095
21	idade	3	2	2,751
22	botou	3	2	2,751
23	dou	3	2	2,751
24	me	140	29	2,675
25	bolsos	1	1	2,577
26	bondoso	1	1	2,577
27	bom-bocado	1	1	2,577
28	bico	1	1	2,577
29	agradadas	1	1	2,577
30	admirar	1	1	2,577
31	afetando	1	1	2,577
32	adquiriam	1	1	2,577
33	aflitinho	1	1	2,577
34	aprendi	1	1	2,577
35	adianta	1	1	2,577
36	acomodados	1	1	2,577
37	autorizei	1	1	2,577
38	abranda	1	1	2,577
39	arte	1	1	2,577
40	botava	1	1	2,577
41	bons	1	1	2,577
42	cabaceira-preta	1	1	2,577
43	arrenego	1	1	2,577
44	bramosia	1	1	2,577
45	arrefecer	1	1	2,577
46	abrindo	1	1	2,577

47	corporal	1	1 2,577
48	cortesias	1	1 2,577
49	couve	1	1 2,577
50	alisar	1	1 2,577
51	amarelinho	1	1 2,577
52	cachaça	1	1 2,577
53	caçam	1	1 2,577
54	contentado	1	1 2,577
55	crime	1	1 2,577
56	cria	1	1 2,577
57	crianças	1	1 2,577
58	constar	1	1 2,577
59	consolos	1	1 2,577
60	alvura	1	1 2,577
61	acautelar	1	1 2,577
62	abafo	1	1 2,577
63	aba	1	1 2,577
64	abusos	1	1 2,577
65	abotoar	1	1 2,577
66	acabou	1	1 2,577
67	alegado	1	1 2,577
68	alheios	1	1 2,577
69	alcovitava	1	1 2,577
70	amores	1	1 2,577
71	agüentei	1	1 2,577
72	ajuda	1	1 2,577
73	andei	1	1 2,577
74	escola	1	1 2,577
75	esmera	1	1 2,577
76	esquecendo	1	1 2,577
77	estremecer	1	1 2,577
78	espremida	1	1 2,577
79	espiada	1	1 2,577
80	espírito	1	1 2,577
81	falecido	1	1 2,577
82	falem	1	1 2,577
83	distantes	1	1 2,577
84	donzela	1	1 2,577
85	donos	1	1 2,577
86	destruir	1	1 2,577
87	dobro	1	1 2,577
88	dosezinhas	1	1 2,577
89	dilato	1	1 2,577
90	desejo	1	1 2,577
91	discordo	1	1 2,577
92	desferrada	1	1 2,577
93	escuta	1	1 2,577
94	escrituras	1	1 2,577
95	ema	1	1 2,577
96	escorraço	1	1 2,577
97	escrever	1	1 2,577
98	escondida	1	1 2,577

99	zé	1	1 2,577
100	enviado	1	1 2,577
101	enxergada	1	1 2,577
102	entendi	1	1 2,577
103	entendida	1	1 2,577
104	enxoval	1	1 2,577
105	errada	1	1 2,577
106	embebidos	1	1 2,577
107	experimentei	1	1 2,577
108	embrulhar	1	1 2,577
109	efetuado	1	1 2,577
110	durou	1	1 2,577
111	duvido	1	1 2,577
112	enriquecia	1	1 2,577
113	enjôo	1	1 2,577
114	emprazou	1	1 2,577
115	engambelar	1	1 2,577
116	enfrentaram	1	1 2,577
117	endurecesse	1	1 2,577
118	contas	1	1 2,577
119	ligeiro	1	1 2,577
120	larguras	1	1 2,577
121	lavagem	1	1 2,577
122	leite	1	1 2,577
123	ler	1	1 2,577
124	letras	1	1 2,577
125	levantei	1	1 2,577
126	levou	1	1 2,577
127	lição	1	1 2,577
128	lábias	1	1 2,577
129	inocência	1	1 2,577
130	madrinha	1	1 2,577
131	malignas	1	1 2,577
132	magra	1	1 2,577
133	mandavam	1	1 2,577
134	livre	1	1 2,577
135	fogoso	1	1 2,577
136	flausina	1	1 2,577
137	flores	1	1 2,577
138	flor	1	1 2,577
139	ferros	1	1 2,577
140	ferver	1	1 2,577
141	fervor	1	1 2,577
142	finuras	1	1 2,577
143	fininho	1	1 2,577
144	herdei	1	1 2,577
145	honra	1	1 2,577
146	história	1	1 2,577
147	gado	1	1 2,577
148	folhinhas	1	1 2,577
149	fortes	1	1 2,577
150	filho	1	1 2,577

151	tiros	1	1 2,577
152	terreiro	1	1 2,577
153	tingui-capeta	1	1 2,577
154	serventia	1	1 2,577
155	sétimo	1	1 2,577
156	sistema	1	1 2,577
157	sujeição	1	1 2,577
158	tesos	1	1 2,577
159	sofrer	1	1 2,577
160	sobrou	1	1 2,577
161	jornais	1	1 2,577
162	joguei	1	1 2,577
163	inteira	1	1 2,577
164	justiçosa	1	1 2,577
165	inda	1	1 2,577
166	inconsolável	1	1 2,577
167	tange	1	1 2,577
168	temperadas	1	1 2,577
169	picar	1	1 2,577
170	juízo	1	1 2,577
171	jardim	1	1 2,577
172	inventam	1	1 2,577
173	modinhas	1	1 2,577
174	modernos	1	1 2,577
175	mocinha	1	1 2,577
176	moça	1	1 2,577
177	miúda	1	1 2,577
178	missa	1	1 2,577
179	mansa	1	1 2,577
180	maria-miss	1	1 2,577
181	menininha	1	1 2,577
182	menina	1	1 2,577
183	passei	1	1 2,577
184	metade	1	1 2,577
185	mexa	1	1 2,577
186	mexi	1	1 2,577
187	pedacinhos	1	1 2,577
188	mês	1	1 2,577
189	não-se-sabe	1	1 2,577
190	noivado	1	1 2,577
191	medindo	1	1 2,577
192	mealhava	1	1 2,577
193	nesses	1	1 2,577
194	novas	1	1 2,577
195	negociável	1	1 2,577
196	nasceu	1	1 2,577
197	padeci	1	1 2,577
198	grandão	1	1 2,577
199	parede	1	1 2,577
200	ovo	1	1 2,577
201	impondo	1	1 2,577
202	gordas	1	1 2,577

203	goste	1	1	2,577
204	gentil	1	1	2,577
205	panela	1	1	2,577
206	perversidades	1	1	2,577
207	parindo	1	1	2,577
208	ocultos	1	1	2,577
209	ouro	1	1	2,577
210	órfã	1	1	2,577
211	ribeira	1	1	2,577
212	ressonar	1	1	2,577
213	revogada	1	1	2,577
214	ri	1	1	2,577
215	revestido	1	1	2,577
216	rezas	1	1	2,577
217	feras	1	1	2,577
218	cheios	1	1	2,577
219	chorei	1	1	2,577
220	cheia	1	1	2,577
221	chorar	1	1	2,577
222	cobrei	1	1	2,577
223	cisco	1	1	2,577
224	cipó-timbó	1	1	2,577
225	chupado	1	1	2,577
226	cobra	1	1	2,577
227	chuchurro	1	1	2,577
228	ciúme	1	1	2,577
229	sensível	1	1	2,577
230	saquei	1	1	2,577
231	rombudo	1	1	2,577
232	rompente	1	1	2,577
233	roncava	1	1	2,577
234	remediada	1	1	2,577
235	remirar	1	1	2,577
236	reponta	1	1	2,577
237	reprovo	1	1	2,577
238	requerendo	1	1	2,577
239	relâmpagos	1	1	2,577
240	regrava	1	1	2,577
241	regalo	1	1	2,577
242	regi	1	1	2,577
243	saudades	1	1	2,577
244	sedutor	1	1	2,577
245	saudavam	1	1	2,577
246	riscava	1	1	2,577
247	ruim	1	1	2,577
248	deitada	1	1	2,577
249	daninhagem	1	1	2,577
250	curtos	1	1	2,577
251	cativa	1	1	2,577
252	casada	1	1	2,577
253	casos	1	1	2,577
254	dê-cá	1	1	2,577

255	debruçada	1	1	2,577
256	davam	1	1	2,577
257	datas	1	1	2,577
258	confirno	1	1	2,577
259	custo	1	1	2,577
260	demônio	1	1	2,577
261	demo	1	1	2,577
262	dentadas	1	1	2,577
263	demora	1	1	2,577
264	deram	1	1	2,577
265	desabada	1	1	2,577
266	delicada	1	1	2,577
267	deixo	1	1	2,577
268	custoso	1	1	2,577
269	desapareceu	1	1	2,577
270	descanso	1	1	2,577
271	desatada	1	1	2,577
272	caruais	1	1	2,577
273	certos	1	1	2,577
274	canduras	1	1	2,577
275	concordou	1	1	2,577
276	comadre	1	1	2,577
277	comidas	1	1	2,577
278	come	1	1	2,577
279	cedo	1	1	2,577
280	cedesse	1	1	2,577
281	cercando	1	1	2,577
282	catre	1	1	2,577
283	cantigas	1	1	2,577
284	camisolas	1	1	2,577
285	calei	1	1	2,577
286	calúnias	1	1	2,577
287	cama	1	1	2,577
288	traspassa	1	1	2,577
289	tomavam	1	1	2,577
290	tratei	1	1	2,577
291	virgem	1	1	2,577
292	viúva	1	1	2,577
293	vinténs	1	1	2,577
294	uso	1	1	2,577
295	unha	1	1	2,577
296	tracei	1	1	2,577
297	sorria	1	1	2,577
298	sopro	1	1	2,577
299	somenos	1	1	2,577
300	sorocabano-lobes	1	1	2,577
301	soltar	1	1	2,577
302	sossego	1	1	2,577
303	soturnos	1	1	2,577
304	sozinha	1	1	2,577
305	velha	1	1	2,577
306	velhoco	1	1	2,577

307	venham	1	1	2,577
308	volume	1	1	2,577
309	venha	1	1	2,577
310	vi	1	1	2,577
311	viajarem	1	1	2,577
312	vestida	1	1	2,577
313	varri	1	1	2,577
314	pior	1	1	2,577
315	posses	1	1	2,577
316	primo	1	1	2,577
317	princípios	1	1	2,577
318	pintinha	1	1	2,577
319	piedade	1	1	2,577
320	porcos	1	1	2,577
321	portar	1	1	2,577
322	pintadas	1	1	2,577
323	porfias	1	1	2,577
324	sair	1	1	2,577
325	saia-branca	1	1	2,577
326	prenda	1	1	2,577
327	presta	1	1	2,577
328	prantos	1	1	2,577
329	povo	1	1	2,577
330	préstimos	1	1	2,577
331	punir	1	1	2,577
332	provi	1	1	2,577
333	propriedades	1	1	2,577
334	raça	1	1	2,577
335	quebrando	1	1	2,577
336	quentes	1	1	2,577
337	sentimento	1	1	2,577
338	qualidade	1	1	2,577
339	punhal	1	1	2,577
340	recados	1	1	2,577
341	pôr	1	1	2,577
342	até	14	5	2,510
343	casa	23	7	2,466
344	ter	19	6	2,389
345	feito	11	4	2,289
346	vive	4	2	2,189
347	deles	4	2	2,189
348	minhas	4	2	2,189
349	conforme	4	2	2,189
350	estar	4	2	2,189
351	dele	17	5	1,995
352	já	22	6	1,972